

# A criação *ex nihilo*: sobre a necessidade da contingência<sup>1</sup>

## Creation *ex nihilo*: on the necessity of contingency

ANTONI CANYELLES SUAU

**RESUMO:** Este artigo propõe um diálogo entre o materialismo especulativo de Quentin Meillassoux e a psicanálise lacaniana. Mais concretamente, se propõe a analisar alguns aspectos da ontologia factual do filósofo francês para reconsiderar a questão da causalidade e a criação *ex nihilo* no PIC da APOLa. Ambas as conjecturas, frente ao niilismo na sociedade contemporânea, propõem uma teoria que designaremos “ex-niilista”. Será exposta, no campo especulativo da causalidade, a tese sobre a necessidade da contingência para situar e elucidar, dentro da psicanálise, alguns aspectos a respeito da cadeia significante e do objeto *a*.

**PALAVRAS CHAVE:** cadeia significante - contingência - *ex nihilo* - causalidade - Meillassoux - ontologia

**ABSTRACT:** This article proposes a dialogue between the speculative materialism of Quentin Meillassoux and Lacanian psychoanalysis. More specifically, it poses to analyze some aspects of the french philosopher’s factual ontology in order to reconsider the question of causality and *creatio ex nihilo* in APOLa’s SRPs. Both conjectures, in the face of nihilism in contemporary society, propose a theory that we will call “exnihilistic”. The thesis on the necessity of contingency will be presented in order to locate, within psychoanalysis, how it can elucidate some aspects regarding signifying theory and object small *a*.

**KEYWORDS:** signifying chain - contingency - *creatio ex nihilo* - causality - Meillassoux - ontology

*Não se manifestam as mesmas consequências (sobre a existência de um sujeito) desde que se proferiu o discurso da lógica matemática.*

*Ali se situam o necessário e o contingente no discurso efetivamente sustentado.<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Tradução de Daria Pozzer. Revisão de tradução de Fauzy Araujo

<sup>2</sup> Lacan, J. (2008). *El Seminario. Libro XVI: de un Otro a un otro*. Buenos Aires: Paidós. p. 34.

Este artigo reúne alguns assuntos de um estudo mais amplo que trabalha, com base em nosso Programa de Investigação Científica, a concepção criacionista a partir da articulação significativa no campo do Outro. Com este texto busco demonstrar por que a obra de Quentin Meillassoux pode ser uma referência válida tanto para descrever logicamente a criação *ex nihilo*, como para atualizar o diálogo entre filosofia e psicanálise. A hipótese de investigação que segue defende que a psicanálise lacaniana requer uma lógica que permita sustentar ontologicamente a criação *ex nihilo*. Neste escrito pretendo explicar por que tanto a lógica modal, se afirmamos a necessidade de contingência, quanto a teoria dos conjuntos, onde a não-totalidade do múltiplo evidencia racionalmente a inexistência de um conjunto de possibilidades preexistente, nos permitem defender a criação *ex nihilo* em psicanálise.

Em seguida serão apresentadas duas problemáticas concretas que permitem, ao menos, fundamentar alguns pontos que são interessantes a respeito do estado atual do PIC da APOLa. Ambas as questões se encontram em dois artigos de Meillassoux, “Potencialidade e virtualidade”<sup>3</sup> e “Materialismo e surgimento *ex nihilo*”,<sup>4</sup> publicados respectivamente em 2006 e 2007. Por um lado, será exposta uma aporia do galileanismo, na qual se propõe a reconciliação entre o racionalismo e o surgimento *ex nihilo*. Por outro lado, almejo olhar com maior precisão para o velho problema de Hume — como podemos justificar que o futuro se parecerá ao passado? —, o que requer resolver um sofisma probabilístico. Essas duas problemáticas nos permitirão abrir algumas perguntas em relação à teoria significativa de Jacques Lacan e ao estatuto da criação *ex nihilo* no campo da causalidade psíquica. Para isso, apoiaremos-nos em uma conferência que Meillassoux proferiu na Universität Freie de Berlín em 2012: “Iteração, reiteração, repetição: uma análise especulativa do signo sem sentido”.<sup>5</sup>

Tanto a psicanálise de Lacan como a ontologia de Meillassoux são propostas que buscam subverter a lógica niilista contemporânea. O niilismo, entre outras, é uma das tendências que operam na origem do mal-estar que se enfrenta na clínica hoje em dia e também tem efeitos no estado atual da teoria psicanalítica. Consideramos não niilista uma teoria capaz de defender a criação *ex nihilo*. Isto não é algo óbvio, muito menos um jogo de palavras e, portanto, teremos que argumentar nesse sentido. Portanto, conciliar a psicanálise com a noção de criação *ex nihilo* não somente é uma consequência racional dentro do campo lógico da causalidade, como também faz face à análise histórica do sofrimento na sociedade contemporânea. Definimos o niilismo, apoiando-nos em nosso PIC, como a não existência de valores nem sentidos transcendentais para

<sup>3</sup> Meillassoux, Q. (2018). En *Hiper-caos*. Salamanca: Holobionte. pp. 93-119.

<sup>4</sup> Meillassoux, Q. (2019). En *Devenires*. xx, nº 39, pp. 265-287. Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo.

<sup>5</sup> Meillassoux, Q. (2022). En *Aitias*. Vol. II, nº 4, pp. 39-107. Universidad Autónoma de Nuevo León.

além das satisfações imediatas das necessidades e gostos individuais.<sup>6</sup> Outra definição possível é a que propõe Alain Badiou: a crença de que não há verdade possível; no máximo, um saber singular dessa ausência, porque o único que seria eterno e incorruptível é a dúvida.<sup>7</sup>

### A aporia do galileanismo

Quentin Meillassoux localiza uma aporia no interior do galileanismo. Estamos acostumados a pensar que os êxitos em física de Galileu Galilei e Johannes Kepler, a elaboração de uma ciência da natureza livre da física qualitativa de Aristóteles, favoreceram a eclosão de um materialismo fundado nos ideais do racionalismo ilustrado. Porém, não foi bem assim. O materialismo, longe de abraçar a tese da ciência moderna, ficou em uma posição incômoda por suas próprias ideias. Por exemplo, a de que a libertação dos homens do terror divino exige compreender, como disse Lucrécio, que nenhuma coisa nasce do nada.

Pensemos com Descartes: a consequência rigorosa do galileanismo em filosofia é o dualismo corpo-espírito. Este é o paradoxo do materialismo: havia nascido uma nova ciência que caminhava de êxito em êxito... Porém, esta ciência acabou constituindo um dualismo de natureza religiosa.<sup>8</sup> Por ser um cartesiano amigo da ciência galileana e infiel aos ensinamentos da Igreja, ele reafirmou paradoxalmente a ideia de uma imaterialidade essencial da alma. Como podemos resolver esta violenta aporia e conciliar a existência das qualidades subjetivas com a ciência das mediações quantificáveis? Até os dias de hoje, toda tentativa materialista de mediação foi um fracasso.

Meillassoux diferencia dois caminhos: o primeiro, hilozoísta, sustenta que o galileanismo é ontologicamente falso e que as qualidades subjetivas existem na própria matéria; o segundo, o condutivismo ou, numa versão mais recente, o materialismo eliminativo defende que o galileanismo é verídico e nega a irreducibilidade das qualidades subjetivas à análise científica.<sup>9</sup> O primeiro caminho, representativo dos estudos deleuzeanos, restaura a matéria como qualitativa e cria uma matéria não galileana. Sendo assim, evita um mistério — a alma —, sustentando um prodígio — que as pedras têm vida. O segundo caminho, condutivista, reduz a vida mental ao que é mensurável: estímulos e reações. A restauração cognitivista deste paradigma tampouco soluciona a aporia: Daniel Denett, em seu livro *La conciencia explicada*,<sup>10</sup> nega radicalmente a existência das qualidades subjetivas. Esse viés arma um modelo de inferências psicológicas que reduz a

<sup>6</sup> APOLa, (2019). *Programa de Investigación Científica en Psicoanálisis*. p. 12.

<sup>7</sup> Badiou, A. (2021). *El nihilismo contemporáneo. Imágenes del tiempo presente I*. Buenos Aires - Madrid: Amorrortu. p. 140.

<sup>8</sup> Meillassoux, Q. (2019). “Materialismo y surgimiento *ex nihilo*”. Op. cit. pp. 270-271.

<sup>9</sup> Ídem, p. 272.

<sup>10</sup> Denett, D. (1995). *La conciencia explicada*. Barcelona: Paidós.

causalidade psíquica ao mensurável. Por exemplo, a partir do Teorema de Bayes, onde se expressa a probabilidade condicional de um evento aleatório, busca-se prever ações em situações de incerteza.

Ambos os caminhos, seja negar a ciência e vivificar as coisas, seja afirmar a ciência e zumbificar os sujeitos, representam para nós um tropeço. Quentin Meillassoux propõe conciliar, sem negar nenhum dos dois termos, a aparição da subjetividade qualitativa com a descrição matematizada, o que resulta por formalizar uma matéria inorgânica sem qualidade. Como os concilia? Rejeitando o pressuposto comum: a falsidade do surgimento *ex nihilo*.<sup>11 12</sup> Desta maneira opõe ao materialismo clássico um *exniilista* ou *exniiliste*, que também considera não-niilista. Propõe um tempo capaz de surgimentos puros, nem determinista nem mecanicista, cuja formalização racional, pensável por meio da resolução transfinitista do problema de Hume, é o que mais nos interessa.

### O problema de Hume ou da indução

O problema da indução tem sido progressivamente abandonado. O campo da ciência experimental e da epistemologia popperiana se limitam atualmente a descrever o procedimento da indução, dissolvendo assim a pergunta ontológica pelo fundamento da conexão causal. A conclusão de Hume foi que não podemos justificar por meios racionais ou dedutivos se o futuro se parecerá com o passado. Dado que as induções se dão a partir das contingências, ele chega ao ponto de sugerir que não há necessidade lógica alguma de que seja certo que o sol nascerá amanhã. Não obstante, fica o alerta de que esta formulação do problema é particular, uma vez que está dada desde um início orientado: uma resposta negativa sobre a necessidade causal implica um fracasso. Sendo assim, Meillassoux reformula a pergunta: existe alguma forma de justificar que o futuro pode realmente não parecer com o passado? Sua tese é que a identidade das próprias leis é efetivamente contingente e que o problema proposto por Hume — se existe alguma razão para aceitar a (não) necessidade do efeito pela causa — não é, assim, insolúvel.<sup>13</sup>

Neste caso, como verificar esta contingência radical se os costumes e a experiência cotidiana demonstram que as leis não mudam com frequência? Isso é possível não apoiando a afirmação de um acaso fundamental, o qual não questiona, mas, ao contrário, supõe uma permanência metafísica no porvir. Aplicar um raciocínio probabilístico a um fenômeno particular é um sofisma e há que argumentar o porquê. Representar um conjunto de casos possíveis e iguais diante do destino e, a

<sup>11</sup> Meillassoux, Q. (2019). Op. cit. p. 280.

<sup>12</sup> O autor propõe a palavra “surgimento” para diferenciar o conceito da criação divina ou ex Deo.

<sup>13</sup> Meillassoux, Q. (2018). Op. cit. p. 95.

partir disso, concluir que, se o universo mantém-se constante, se confirma a existência de leis ocultas, é um sofisma, pois supõe um universo de casos possíveis dentro do qual pode ter lugar um cálculo numérico. Sendo assim, o problema de Hume converte-se no “problema da diferença entre o acaso e a contingência”.<sup>14</sup>

Antes de confrontar essa nova formulação do problema é necessário diferenciar quatro conceitos fundamentais. Chamamos potencialidades (1) aos casos não atualizados de um conjunto catalogável de possibilidades segundo a condição de uma lei dada – aleatória ou não. Chamamos acaso (2), a toda atualização de uma potencialidade para a qual não existe nenhuma instância unívoca de determinação; e contingência (3) à propriedade de um conjunto de casos catalogáveis – e não de um caso de um conjunto – de não ser ele mesmo o caso de um conjunto de conjunto de casos. Por último, virtualidade (4) é a propriedade de todo conjunto de casos de emergir dentro de um devir que nenhuma totalidade pré-constituída de possíveis domina.<sup>15</sup> A legalidade da virtualidade é a própria criação do nada. Isto é, um surgimento sem nenhuma estrutura potencial, diferentemente da metafísica clássica ou de um evento aleatório e incerto ao “estilo bayesiano” na psicologia cognitiva.

Meillassoux segue a teoria dos conjuntos, cujo valor ontológico subjacente tem origem na filosofia de Alain Badiou.<sup>16</sup> Não existe forma de construir um conjunto de mundos possíveis onde se possa empregar a noção de probabilidade porque ninguém, exceto o Deus de Leibniz, jamais teve o tempo livre para esquadrihá-los. Os infinitos constituem uma multiplicidade impossível de fechar, visto que, para qualquer conjunto, existe indefinidamente um de maior cardinalidade: o conjunto de todos os seus subconjuntos. Trata-se de uma tradução do transfinito cantoriano: “o Todo (quantificável) do pensável é impensável”.<sup>17</sup> Se não há razão, nem teórica nem empírica, para escolher um infinito ou outro, é incorreto deduzir por probabilidade que a necessidade da contingência suscita um caos, o que se supõe ser um sofisma. Tudo é contingente, mas nem tudo é possível.

---

<sup>14</sup> Ibidem p. 102.

<sup>15</sup> Ibidem. p. 109-110.

<sup>16</sup> Meillassoux, Q. (2015). *Después de la finitud. Ensayos sobre la necesidad de la contingencia*. Buenos Aires: Caja Negra. p. 165. (2022). “Iteración, reiteración, repetición...”. Op. Cit. p. 81. Badiou pressupõe que o matematicamente pensável é absolutamente possível. Por exemplo, os signos chamados “conjuntos”, ainda que não definidos, são o referente ontológico indispensável para seu sistema que é a “multiplicidade pura”. Neste caso, o projeto de Meillassoux, que encontra aqui o seu ponto de partida, diferencia-se buscando construir uma ontologia do signo-vazio desprovido de todo significado. A pergunta: em que consistem as matemáticas?, que é o mesmo que: como podemos pensar um signo sem significado?, é uma pergunta eminentemente ontológica. Distancia-se de Badiou no sentido de que não interpreta hermeneuticamente os axiomas matemáticos para localizar uma designação de seus referentes, mas que fundamenta sua ontologia unicamente sobre como se constitui a formalidade da linguagem matemática. Sobre isso retornaremos ao final do artigo.

<sup>17</sup> Ibidem. p. 168.

A principal consequência da não totalização do múltiplo na noção do devir é que isso pode elucidar novos conjuntos de possibilidades sem ser contraditório. Graças à junção da tese de Hume com a incompletude cantoriana, o surgimento *ex nihilo* se converte no único conceito imanente do devir. O possível acontece como um imprevisto jurídico, o surgimento de um sétimo caso em uma jogada de dados.<sup>18</sup> Todo surgimento do nada se torna a evidência racional da inexistência de um conjunto metafísico de possibilidades pré-existentes.<sup>19</sup> Portanto, já não se trata de justificar racionalmente a necessidade causal:

Se cem “acontecimentos diferentes” — e mesmo muitos mais — *podem efetivamente resultar de uma causa em comum* (...) pareceria então que a maneira mais sensata de abordar o problema da conexão causal consiste em partir não da suposta verdade dessa conexão, mas de sua evidente falsidade.<sup>20</sup>

Meillassoux empreende uma especulação sobre o absoluto, mas o único absoluto é a contingência radical do que é. Então, não podemos falar do que é. Mesmo que tudo seja contingente, o que nos interessa é o necessário. Porém, nada é necessário. Lacan sugere algo muito parecido:

Faz falta que, da contingência, pelo menos nesse dizer de Cantor, passemos ao necessário daquilo que não cessa, esse  $\emptyset$ , de se escrever, que não cessa de se escrever a partir do momento que subsiste – o quê? – nada, senão uma noção de verdade.<sup>21</sup>

Esta reformulação de Quentin Meillassoux do problema de Hume contém uma estrutura similar ao problema do niilismo diagnosticado em nosso programa, onde se estabelece que a não existência de valores culturais compartilhados sobre as satisfações imediatas e individuais das necessidades está na base do sofrimento na sociedade contemporânea. Em ambos os casos, a solução se dá pela mesma via: oferecer uma lógica que sustente a criação *ex nihilo*. Portanto, se o futuro pode deixar de parecer-se ao passado é uma pergunta que, desde uma perspectiva *ex-niilista*, deve fazer-se

<sup>18</sup> Ibidem. p. 112.

<sup>19</sup> A contingência radical sobre a necessidade das leis supõe uma rejeição do princípio de razão suficiente. Neste caso, isto não implica declinar a razão mesma. Trata-se de reatualizá-la filosoficamente sem impugnar o princípio da não contradição, uma estratégia filosófica que não explicaremos aqui. Não obstante, espero apenas poder insinuar que Meillassoux deduz uma necessidade absoluta, como é o princípio de contingência, de maneira não metafísica. Sobre este ponto, consultar Meillassoux, Q. (2015). *Después de la finitud*. Op. Cit. p. 87.

<sup>20</sup> Meillassoux, Q. (2015). Op. Cit. p. 146-147.

<sup>21</sup> Lacan, J. *Séminaire 21: Non-dupes...* p. 38 (tradução própria) “Faut-il que de sa contingence donc, à ce dire de CANTOR, nous passions au nécessaire de ce qu’il ne cesse plus, cet  $\emptyset$ , de s’écrire, qu’il ne cesse plus de s’écrire désormais pour que subsiste - quoi ? - rien d’autre qu’une notion de vérité.”

presente em uma análise. Para isso, proponho adotar esse novo uso do operador modal da contingência na psicanálise. Lacan reconhece que o surgimento da estrutura significante, inerente e irreduzível se dá em concomitância com um vazio e deve conceber-se como um processo material: a “causa material é propriamente a forma de incidência do significante que eu defino nela”.<sup>22</sup>

### A contingência na teoria do significante

O signo linguístico, segundo Saussure, é arbitrário e imotivado, porque o mesmo galo que canta *quiquiriquí* em um lugar, canta *cocoricó*, noutra parte. Mas o verdadeiro problema encontra-se em outro lado: “lidar com a estrutura íntima do fenômeno de que apenas a aparência exterior é notada e descrever sua relação com o conjunto das manifestações de que ele depende”.<sup>23</sup> É nesse sentido que Émile Benveniste propõe como objeto de estudo o discurso, uma realidade que para Saussure já estava dada. Entre significante e significado o nexos não é arbitrário, mas necessário. Como poderia ser de outra maneira? São duas caras da mesma moeda. “O que é arbitrário [ou contingente] é que tal signo, e não outro, seja aplicado a tal elemento da realidade, e não a outro”.<sup>24</sup>

A chave é entender que isso não é um problema filosófico e que, se a linguística qualificou essa relação como arbitrária, não foi mais que uma defesa diante de um impasse que realmente não pertence ao seu campo.<sup>25</sup> Neste caso, que o nexos entre o significante e o significado seja absolutamente necessário não quer dizer que o significante seja eterno. Os fundamentos para estudar esta questão se encontram na ontologia que, neste caso, situamos subjacente ao uso que as matemáticas fazem dos signos-base na teoria dos conjuntos. O signo é arbitrário e, portanto, recodificável. Mas também, como tudo que é existente é eternamente contingente, pode ser de outra maneira. Em seu seminário, Lacan também segue Benveniste quando afirma que, enquanto a relação entre o signo e a realidade é arbitrária e cultural, o significante, mais que arbitrário, é *por si mesmo* contingente — e é desse modo que participa nesse nada, a própria emergência da ideia criacionista.<sup>26</sup>

O significante é por si mesmo, mas repudia a categoria do eterno: é imanente e, ao mesmo tempo, contingente. Em outras palavras, a existência de um nada ou um vazio simultâneo à lógica do significante não se localiza no nexos entre o significante e o significado e seu valor de oposição em

<sup>22</sup> Lacan, J. (2002). “La ciencia y la verdad”. En *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 831.

<sup>23</sup> Benveniste, É. (1971). *Problemas de lingüística general*. Madrid: Siglo XXI. p. 51.

<sup>24</sup> *Ibidem*. p. 52.

<sup>25</sup> *Ibidem*. p. 55. Desta forma, Benveniste, com sua teoria da enunciação, relega o domínio do contingente — a relação que há entre a língua e a realidade — para fora da compreensão do signo linguístico. O princípio estrutural da língua forma-se pela necessidade dialética dos valores em constante oposição, a qual está regida pelo caráter absoluto do signo linguístico.

<sup>26</sup> Lacan, J. (1972-1973). *El Seminario. Libro XX: Otra Vez, Encore*. Versión crítica Rodríguez Ponte. Escuela Freudiana de Buenos Aires. Clase 5, pp. 6-7.

um conjunto fechado que constitui o discurso, mas na necessidade de contingência cuja demonstração centra-se na impossibilidade, definida na teoria cantoriana, de reunir o conjunto de todos os subconjuntos. Que um significante enquanto tal não signifique nada não é, neste ponto, uma definição suficiente. Trata-se de onde localizamos o nada da criação: o intervalo na cadeia significante, que permite a extração.<sup>27</sup> Se um corte estabelece a criação de outro conjunto de possibilidades é porque é impossível fechar o próprio corte. “A ruptura jamais está *no* conjunto, mesmo se o conjunto apenas se sustenta por querer fechar a ruptura”.<sup>28</sup> Para Meillassoux, o princípio de identidade não é lógico, mas ontológico, e apela à eterna contingência do signo. A substância, com essa ontologia baseada na teoria dos conjuntos, pode então definir-se muito bem em psicanálise como o que falta e como o que constitui o conjunto.<sup>29</sup> Apenas desta forma, com um diálogo rigoroso com a ontologia que nos proteja de cair em uma metafísica ingênua, a substância gozante pode projetar-se como o verdadeiro conceito que unifique o campo da psicanálise.

Retornemos à interpretação de Meillassoux do problema de Hume: pode o futuro efetivamente *não* se parecer ao passado? Repito que considero imprescindível, como analista, estar em condições de poder afirmar formalmente esta interrogação a respeito da causa. Com este fim, primeiro constatamos que a contingência no significante não tem nada a ver com a contingência empírica da causalidade probabilística que opera na ciência popperiana.<sup>30</sup> E muito menos tem a ver (a contingência no significante) com a ideia que encontramos no campo atual da psicanálise: a existência ou não existência do Outro, uma forma de traumatismo. É ontologicamente impossível

---

<sup>27</sup> É importante notar que falamos do puro nada e não do vazio, dois conceitos que não têm nada em comum. Vejamos a partir de como a física os pensa. O vazio quântico não é uma ausência, mas uma substância, um estado fundamental do campo, cujas flutuações são estudadas pelo eletromagnetismo quântico (QED). O vazio em mecânica quântica é uma coisa, e não nada – ainda que não possua nem massa, nem carga elétrica e sua intensidade média seja zero –, porque é um campo material, sendo que não tem uma densidade de energia positiva. Mesmo assim, participa de um conjunto de leis, ou seja, de um sistema. Se não, como seria possível calcular a constante velocidade da luz no vazio? Refiro-me ao campo de Higgs, o qual permite emergirem vibrações, que são partículas elementares, no vazio quântico. Então, a concepção do vazio da física quântica não nos ajuda a explicar a criação *ex nihilo*. Além disso, o nada iria contra à relação de indeterminação de Heisenberg: se sustenta-se um nada, seria possível calcular a (ausência de) energia exata em mais de um instante concreto de tempo – uma determinação que, em mecânica quântica, deveria ser incerta. Então, vejamos: há alguma teoria física na atualidade que se proponha a conceituar o nada?

A cosmologia quântica, em seu princípio, sustentou a emergência *ex nihilo*, porém isto foi muito criticado pelos físicos contemporâneos, já que rompe com os princípios de conservação das teorias que pretende sintetizar – a mecânica quântica e a relatividade geral. Consultar Bunge, M (2003). *Emergência y convergência*. Barcelona: Gedisa. pp. 50-51. Entretanto, hoje há novos modelos que voltam a propor um puro nada na cosmologia. Trata-se do debate sobre se o universo é plano, infinito e eterno, ou curvo e fechado. Por exemplo, os cosmólogos Stephen Hawking ou Aleksandr Vilenkin têm modelos de criação de universos do nada, e não do vazio. Essas teorias, ainda sem determinação experimental, buscam validar-se a partir de cálculos probabilísticos que se baseiam no princípio cosmológico – o universo é homogêneo e isotrópico – e na teoria do universo inflacionário. O resultado desses cálculos obriga a sustentar cosmologicamente um nada anterior às flutuações do vazio quântico no início acausal do universo. Somente se um universo é fechado a sua magnitude total de energia pode valer matematicamente zero. Consultar Fernandez, E. (2019). *El vacío cuántico y la nada* [vídeo]. Em síntese, o que analisamos neste artigo não é uma criação a partir do vazio, mas sim um surgimento no qual o devir rompe com as possibilidades contidas nas leis precedentes, justamente para fazer emergir isso que não existia em nada nas constantes antigas. Nada: leis físicas e lógicas incluídas.

<sup>28</sup> Lacan, J. (1972-1973). *El Seminario. Libro XX: Otra Vez, Encore*. Op. cit. Clase 2, p. 25.

<sup>29</sup> Ídem, clase 2, p. 33.

<sup>30</sup> Chiesa, L. (2010). “Hyperstructuralism's Necessity of Contingency”. En *Journal of the Circle for Lacanian Ideology Critique, Capitalism and Psychoanalysis*, vol 3, pp. 159-177. p. 174. Neste artigo considera-se que a diferença que Meillassoux faz entre o acaso e a contingência possa ser homóloga ao tratamento que Lacan dá aos operadores *tyche* e *automaton* no *Seminário 11*.

construir um conjunto completo de significantes que permita inferir uma probabilidade. Também em Lacan:

O conjunto não é outra coisa que o sujeito. Precisamente por isso não caberia sequer manipulá-lo sem a adição do conjunto vazio.

O *não-todas*, (...) não é outra coisa que a expressão da contingência.<sup>31</sup>

Logo apontamos que, se o significante não é eterno, devemos supor uma declinação da identidade na repetição do objeto — “o que passa entre um sujeito e a operação que o objetiva, o define ou o limita na predicação, se relaciona com a categoria do que sustenta a si mesmo”<sup>32</sup>. Então, forma-se a seguinte pergunta: como podemos localizar este corte de forma imanente? Proponho adotar a tese de Meillassoux — a necessidade da contingência — dentro do campo da psicanálise para confrontar de modo racional o âmago dessa problemática. Para tal, não se pode falsear a criação *ex nihilo*. Com essa lógica, poderemos afirmar que o futuro do analisante pode efetivamente não se parecer ao passado. Com o *não-todas*, em que não há metalinguagem, Lacan abre o campo não apenas a uma ontologia não-metafísica, mas também à possibilidade de articular plenamente a condição (\$) do sujeito ao objeto *a*: criação de valor e sentido particular.<sup>33</sup> Todo o universo, seja discursivo ou não, é *acausal* e está aberto à mudança.

### **A cadeia significante: repetição, iteração, reiteração**

Nosso PIC rejeita o evolucionismo em psicanálise e sustenta de forma hipotética uma posição criacionista — criação *ex nihilo*. Proponho explorar essa lógica com base na formalidade da linguagem matemática, ou seja, a partir dos signos vazios de sentido. Para isto, vamos apresentar a teoria do signo-vazio de Quentin Meillassoux, na qual ele propõe que o alcance ontológico das matemáticas movimenta-se sobre as noções centrais de repetição e iteração. A finalidade é poder operar com esta lógica na interpretação ou formalização de um caso. O problema de investigação tem sido proposto a partir de uma aporia no interior do galileanismo, uma reproposição do problema de Hume e a reconsideração do estatuto arbitrário do significante. O que vamos apresentar agora é uma tentativa de descrever a criação *ex nihilo* na própria cadeia, o significante em um espaço-tempo, seja sensível ou não. Por mais que, de acordo com a hipótese da contingência,

<sup>31</sup> Lacan, J. (2012). *El Seminario. Libro XIX: ...o peor*. Paidós: Buenos Aires. pp. 201-205.

<sup>32</sup> Lacan, J. (1972-1973). *El Seminario. Libro XX: Otra Vez, Encore*. Op. cit. Clase 2, p. 25.

<sup>33</sup> APOLa, (2019). *Programa de Investigación Científica en Psicoanálisis*. Op. cit. p. 16.

compreendamos o significante de fora da pura relação ou oposição, é necessário também propô-lo em relação com a condição de possibilidade da significação, o sentido particular e a identidade.

Meillassoux busca na linguagem um sistema de identidade sem precedentes, que seja capaz de sustentar um em-si absoluto, porém não metafísico. Pois bem, o que nos interessa é como este sistema de identidade permite, também, o acesso a um sistema de diferença igualmente sem precedentes. A partir disso, com o objetivo de conciliar a existência das qualidades subjetivas com a ciência galileana das mediações quantificáveis, há que assimilar que não podemos especificar a repetição de uma forma qualitativa, ao menos em sua formalização. É disso que trata Meillassoux através da reiteração: uma diferença que não é nem uma não-similaridade, nem o efeito de uma repetição sensível, a qual não permitiria fazer cadeia porque, ao introduzir uma modificação, romperia a progressão quantitativa.<sup>34</sup> O que permite este gesto a Meillassoux é a teorização do signo-vazio de significado. Assim, pode apoiar-se em outra linguagem da diferença, de fora do espaço-tempo sensível que caracteriza a repetição:

Repetição	I	II	III'	(III')', etc.
Efeito diferencial		+I	(+I)'	(+I)''
Reiteração	I	II	III	IIII, etc.
Iteração		+I	+I	+I <sup>35</sup>

Podemos observar como, na série iterativa, se faz possível localizar uma progressão quantitativa. Diversamente da primeira série que, ao incluir a diferença, é qualitativa. O signo-vazio que caracteriza a cadeia iterativa é apresentado como o melhor candidato para a especulação sobre o que existe.

Em resumo, com essa teoria podemos defender a criação *ex nihilo* de fora de um efeito-repetição diferencial, porque a iteração não implica num aumento indefinido, mas ilimitado: sempre igual, uma reprodução idêntica. Este tipo de recorrência diferencial, como a repetição, mas de outra maneira, já que se abre ao infinito, é o que permite formular a série reiterativa. Dito de outra maneira, a possibilidade de pensar a diferença fora do campo da repetição sensível passa pelo infinito potencial, a inexistência de uma totalidade acabada de números naturais. A criação converte-se, assim, em uma não-sucessão iterativa da cadeia entre os números ordinais finitos e

<sup>34</sup> Meillassoux, Q. (2022). “Iteración, reiteración, repetición...”. Op. Cit. p. 96-97. O autor francês distingue (1) a recorrência, uma reprodução de uma mesma marca; (2) a repetição, uma recorrência finita que se inscreve na diferença à causa do espaço-tempo sensível, e (3) a iteração, uma recorrência não diferencial e, portanto, ilimitada, por ser uma identidade pura de marcas. A iteração, ao escapar do efeito da repetição, abre a possibilidade da (4) reiteração.

<sup>35</sup> Ídem, p. 98-99.

infinitos, onde pode-se supor uma ruptura do princípio de identidade. Os ordinais referem-se à organização, ou seja, sua função é nomear algo que precede. O problema é quando nos perguntamos o que fazer com o primeiro ordinal, o que não precede a nada, porém causa a organização.

Se extrapolarmos essa tentativa ao nosso campo, abre-se a possibilidade de pensar ontologicamente a mudança da posição subjetiva frente ao sofrimento, a partir da introdução de uma *acausalidade*. Trata-se da capacidade do pensamento para iterar um signo, independentemente da idealidade ou eternidade do significado. Com isso, podemos concretizar o advir do sujeito a partir da articulação significativa no campo do Outro/A. “Sem o significante no começo, é impossível articular a pulsão como histórica. E isso basta para introduzir a dimensão do *ex nihilo* na estrutura do campo analítico”.<sup>36</sup>

Supondo que o real inorgânico é não-sentinte, então nos salvamos de agregar à matéria uma capacidade sentinte muito problemática; porém, diante disso, creio descobrir um mundo que é infinitamente mais interessante que o mundo subjetivado. Para este mundo de matéria morta, resulta que há uma emergência radical *ex nihilo* de realidades (sensações, percepções, etc.), que absolutamente não existiam antes, nem sequer potencialmente (uma vez que as combinações potenciais da matéria inorgânica implicam apenas complexos físicos, que nunca tiveram nenhuma razão para complementarem-se a si mesmos com um sistema de sensações).<sup>37</sup>

Seja ( $\$ \diamond a$ ) ou ( $\$ \diamond D$ ), aceitar a criação *ex nihilo* é a consequência de que o significante em psicanálise seja a causa do sujeito.

O infinito potencial permite recoletar a totalidade dos ordinais finitos e infinitos, mas jamais poderá ser aquele que nada está em possibilidade de exceder. É nesse sentido que Meillassoux “destotaliza o possível” e libera assim o tempo de toda subordinação legal.<sup>38</sup> Desta maneira, a cadeia significativa, agora uma sucessão iterativa, transforma-se na própria verdade do múltiplo ou estrutural tal como nos ensina Cantor: a inexistência do Todo. Em uma série entre um ordinal e outro ( $\omega + n$ ), entre o nada [*le rien*] do conjunto vazio e sua inscrição no S1, existe um buraco que não se pode alcançar: pode-se superar, mas não alcançar<sup>39</sup>. Trata-se do famoso caso de Aquiles e a tartaruga. Este limite é o todo: a substância para uma ontologia metafísica ou “o real do corpo”, à

<sup>36</sup> Lacan, J. (1988). *El Seminario. Libro VII: La ética del psicoanálisis*. Paidós: Buenos Aires. p. 258.

<sup>37</sup> Meillassoux, Q. (2022). “Iteración, reiteración, repetición...”. Op. Cit. p. 66.

<sup>38</sup> Meillassoux, Q. (2018). “Potencialidad y virtualidad”. Op. cit. p. 109.

<sup>39</sup> Lacan, J. (1972-1973). *El Seminario. Libro XX: Otra Vez, Encore*. Op. cit. Clase 2, p. 17.

maneira da extensão *partes extra partes*, em uma teoria psicanalítica não baseada no significante. Recordemos que a metafísica é uma lógica clássica aonde o ser é, o não-ser não é, e não há uma transição possível (mudança) entre essas identidades. Pois então, como temos argumentado, a presunção de um acaso probabilístico no devir é igualmente metafísica. Com isso, buscamos demonstrar que em uma análise, em que o saber encontra-se no Outro que não pode ser Tudo, a verdade unicamente pode localizar-se na função do objeto *a*: a criação de valor e sentido particular. Desta forma, abrimos à experiência analítica — esse *cessa de não escrever-se* em relação com o falo ( $\Phi$ ) que não é mais que a contingência — a possibilidade de produzir o mais que pode produzir, o S1.<sup>40</sup> Deixo incompleta a descrição do par de conceitos repetição e iteração e sua relação com os ordinais infinitos para futuras investigações.

## Conclusão

Sustentar ontologicamente a criação *ex nihilo*, ou outra hipótese possível, não significa suturar a “falta-em-ser”. Ao contrário, trata-se de poder fundamentar algo a partir desta falta sem cair no relativismo ou no niilismo — e tampouco, ingenuamente, em nenhum absoluto metafísico, seja um ideal ou, inclusive, a natureza discursiva de toda a realidade. Desta maneira, sustentar ontologicamente a criação *ex nihilo* é o que permite afirmar que existe algo no lugar do nada. Em outras palavras, avançar de forma propositiva na investigação em nosso campo, o qual constitui as propriedades de sua linguagem formal. Tanto a concepção lacaniana do matema como os signos vazios de sentido de Meillassoux, cada um com sua particularidade, convertem-se em questões propriamente ontológicas. A psicanálise não é uma ontologia. A filosofia tampouco. Se estabelecemos um diálogo com a ontologia factual é porque possibilita-nos incluir a questão do nada, fundamental pelo assunto tratado, e poder entender as consequências de sua existência.

A realidade pode intuir-se de duas maneiras diferentes: como uma coisa contingente ou como o veículo para a contingência eterna. A segunda é a maneira especulativa de ver contingência inerente a cada ente ou objeto como necessária. Igualmente, a contingência de uma coisa sempre pertence a esta ou aquela coisa. O ponto que quero ressaltar é que é possível sustentar uma teoria onde o significante pode ver-se sendo veículo da contingência, sendo capaz de ser de outro modo, ainda que sua base seja, para nós, indestrutível ou eterna. Em relação à determinação, essa é a uma forma de ser radicalmente materialista em psicanálise e poder localizar a causa de fora da lógica clássica metafísica, cujo princípio do terceiro excluído impossibilita a mudança. E além disso, também de

---

<sup>40</sup> Ídem, clase 9, p. 9.

fora da lógica freudiana, onde a causa — uma verdade oculta — infere-se a partir dos efeitos do inconsciente. A esta causalidade atualizada denominamos *acausalidade*, que se constitui na nossa verdade: a intotalização. Este gesto é produto de duas convicções: (1) que é possível localizar uma ontologia não-metafísica subjacente, segundo a forma da linguagem matemática e (2) que a psicanálise, inclusive em seu aspecto “antifilosófico”, requer um projeto ontológico — seja próprio ou não.

Em consequência, se sustentamos uma teoria *exniilista*, não é suficiente que o resultado de uma análise seja um “saber fazer com” ou uma “conciliação”. Um psicanalista deve tratar de buscar, em um campo onde a existência do Outro — uma intotalização — é o antecedente lógico de todo sujeito, a causa de um novo caso. Se não, para quê um paciente começaria uma análise? É a partir daqui que concebemos o objeto *a* como uma dimensão criada de valor e sentido particular. Se definimos o objeto *a* em relação à *acausalidade*, o correlato objetivo da emergência de uma ruptura ou um corte, podemos compreendê-lo como uma identidade especulativa do absoluto em psicanálise: a necessidade da contingência. A ancestralidade que expõe Quentin Meillassoux em *Después de la finitud*, e que tornou-se viral na internet e no campo da filosofia, não é mais que isso.<sup>41</sup>

Trata-se de o analista ser capaz de ler um caso desde uma lógica onde não se invalide a “capacidade da razão para acessar a ineficácia de um Todo das potencialidades que preexistiriam à sua emergência”.<sup>42</sup> Em tempo, cabe lembrar que inferir que isto implicaria em caos é um sofisma. Deste modo, o tempo deixa de ser a atualização de uma semente do passado e converte-se em uma criação em que nada é pré-existente a seu próprio surgimento. A criação *ex nihilo* torna-se – o que poderia parecer inicialmente um paradoxo – a demonstração da inexistência de Deus, porque qualquer ruptura radical do presente com o passado manifesta a ausência de uma ordem capaz de dominar o poder do devir. Consideramos essa proposta teórica *exniilista* não niilista, porque no nada não encontramos nem a dúvida nem a singularidade, mas a causa e a verdade.

---

<sup>41</sup> Meillassoux, Q. (2015). *Después de la finitud*. Op. Cit. p. 51. Define a ancestralidade como a saída de si mesmo, apoderar-se de em-si independentemente do que sejamos ou não. O autor justifica esta tese com o paradoxo do *archifossile*, o qual demonstra um impasse no solipsismo contemporâneo na sua incapacidade de pensar nas evidências sobre a existência do universo antes do surgimento da espécie humana. Afirma que há sentido em pensar como propriedade do absoluto tudo que pode ser formulado em termos matemáticos. Desta forma, reativa a tese cartesiana das propriedades primárias e secundárias e tenta sair do correlacionismo sujeito-objeto pós-kantiano. Assim, o correlacionismo tem se convertido na etiqueta de moda que substitui o idealismo.

<sup>42</sup> Meillassoux, Q. (2018). “Potencialidad y virtualidad”. Op. cit. p. 118.

## BIBLIOGRAFIA

1. APOLa (2019). *Programa de Investigación Científica en Psicoanálisis*. <https://apola.online/programa>
2. Badiou, Alain (2021). *El nihilismo contemporáneo. Imágenes del tiempo presente I*. Buenos Aires - Madrid: Amorrortu.
3. Benveniste, Émile (1971). *Problemas de lingüística general*. Madrid: Siglo XXI.
4. Bunge, Mario (2003). *Emergencia y convergencia. Novedad cualitativa y unidad del conocimiento*. Barcelona: Gedisa
5. Chiesa, Lorenzo (2010). "Hyperstructuralism's Necessity of Contingency". En *Journal of the Circle for Lacanian Ideology Critique, Capitalism and Psychoanalysis*, vol 3 pp. 159-177. <http://www.lineofbeauty.org/index.php/s/article/view/35/89>
6. Denett, Daniel (1995). *La conciencia explicada*. Barcelona: Paidós.
7. Fernández, Enrique (2019). *El vacío cuántico y la nada* [vídeo]. Youtube. Facultad de Física de la Universidad de Sevilla. <https://www.youtube.com/watch?v=NGgK6qYsnIY>
8. Lacan, Jacques (2008). *El Seminario. Libro XVI: Del Uno al otro*. Buenos Aires: Paidós.  
 ———, (1973-74). *Séminaire 21: Non-dupes...* <http://staferla.free.fr/S21/S21.htm>  
 ———, (2002). "La ciencia y la verdad". En *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI.  
 ———, (1972-1973). *El Seminario. Libro XX: Otra vez, Encore*. Versión crítica Rodríguez Ponte. Escuela Freudiana de Buenos Aires.  
 ———, (2012). *El Seminario. Libro XIX: ...o peor*. Buenos Aires: Paidós.  
 ———, (1988). *El Seminario. Libro VII: La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
9. Meillassoux, Quentin (2019). "Materialismo y surgimiento *ex nihilo*". En *Devenires*, xx, n° 39, pp. 265-287. Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo. <https://publicaciones.umich.mx/revistas/devenires/ojs/issue/view/38>  
 ———, (2018). "Potencialidad y virtualidad". En *Hiper-caos*. Salamanca: Holobionte.  
 ———, (2022). "Iteración, reiteración, repetición: un análisis especulativo del signo sin sentido". En *Aitías. Revista de Estudios Filosóficos*, vol. II, n° 4, pp. 39-107. Universidad Autónoma de Nuevo León. <https://aitias.uanl.mx/index.php/a/article/view/42>  
 ———, (2015). *Después de la finitud. Ensayos sobre la necesidad de la contingencia*. Buenos Aires: Caja Negra.

**ANTONI CANYELLES SUAU**

Graduado em Estudos Literários pela Universitat de Barcelona. Estudante de Psicologia na Universitat Oberta de Catalunya. Mestrando em Psicanálise na Universidad de Buenos Aires. Sócio da APOLa.

canyellesantoni@gmail.com

@canyelles